


COVID-19: as implicações nas igrejas evangélicas COVID-19: the implications on evangelical churches

 <https://doi.org/10.23925/ua.v26i42.e60673>

Rodrigo Mendes Faria¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o que foi perceptível em relação à pandemia da Covid-19, as influências ocorridas na humanidade e as mudanças necessárias, tais como a quarentena e a redução das atividades do cotidiano da humanidade, com o destaque no desenvolvimento das atividades dos evangélicos. O drama vivido pelo gênero humano, limitando-o na execução das suas atividades corriqueiras, se dará atenção mais propriamente às atividades das igrejas evangélicas e a intervenção das suas lideranças nesse tempo por causa do afastamento social que limitou ou impediu o cuidado pastoral presencial. Este texto também apresentará a forma que a tecnologia digital auxiliou àqueles que a utilizaram nesse tempo e a importância do reconhecimento de que a pandemia pode ser uma oportunidade de mudanças benéficas para uma religiosidade que outrora era limitada por espaços físicos em muitas comunidades de fé evangélica.

Palavras-chave: Pandemia; mudanças; sofrimento; cuidado; tecnologia digital.

Abstract: This article aims to present what has been noticeable regarding the Covid-19 pandemic, the influences on humanity, and the necessary changes, such as quarantine and the reduction of everyday human activities, with a focus on the development of evangelical activities. The drama experienced by humanity, limiting it in the execution of its routine activities, will pay closer attention to the activities of evangelical churches and the intervention of their leadership during this time due to social distancing, which limited or prevented in-person pastoral care. This text will also present how digital technology assisted those who used it during this time and the importance of recognizing that the pandemic can be an opportunity for beneficial changes in a religious practice that was once limited by physical spaces in many evangelical faith communities.

Keywords: Pandemic; changes; suffering; care; digital technology.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (FUV) e docente na faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro (FABERJ),  0000-0003-1917-4724, rodmendes85@hotmail.com.

Introdução

A pandemia da Covid-19 chegou inesperadamente na vida da humanidade provando o quanto o ser humano é vulnerável e frágil no contexto físico, mental e espiritual. Esse micro-organismo colocou todos à prova, mostrando a sensibilidade humana quando se apresentou como um vírus de potencial de infecção gigantesco, forçando a humanidade a mudar a sua rotina de uma forma brusca e sem prazo para o retorno para vida cotidiana.

Muitos foram os abalos na vida coletiva, e, principalmente na vida individual. A pandemia afetou vidas. Famílias perderam ou tiveram uma drástica redução da renda, casais tiveram o relacionamento afetado por outrora não haver uma convivência entre os cônjuges pela dinâmica das tarefas do dia, mas nesse período foram “forçados ao confinamento residencial”; filhos e pais também tiveram os relacionamentos abalados por conta do convívio imposto pela quarentena. Muitos buscaram respostas para algo inexplicável relacionado ao “por que essa pandemia tem maltratado tanto a humanidade?”

O fato é que, em meio a essa tão repentina ação do vírus, os religiosos contemporâneos também foram abalados por esse momento e entraram no grupo de questionadores do “por que isso está acontecendo no mundo?”. Partindo do pressuposto religioso, mais propriamente no contexto das igrejas evangélicas, percebe-se que nesse tempo de incertezas e sofrimento, a humanidade não se tornou limitada apenas nos seus afazeres diários, como o trabalho e viagens, mas também houve uma restrição na sua religiosidade quando foi orientado o fechamento dos lugares de reuniões, num momento em que o religioso mais precisava de esperança. As crises foram instaladas, a pandemia mudou de modo radical todo o cotidiano, com impactos na vida privada dos indivíduos (SARTO; VALAMIEL; FERNANDES, 2022, p. 102).

O indivíduo moderno nunca precisou tanto de auxílio como durante a quarentena. Sendo assim, houve a necessidade de adaptação por parte dos líderes evangélicos para um contato parcial com os fiéis, com a utilização de novas tecnologias digitais. Esses recursos tecnológicos provavelmente vieram para ficar. A pandemia provocou dor, morte e afastamento, mas também provocou mudanças inesperadas, tais como o uso das ferramentas digitais para diminuir a distância e aumentar o alcance entre a comunidade

religiosa e os fiéis. Provavelmente essas mudanças serão benéficas para a vida dos líderes religiosos e suas comunidades, que são confrontados a sair de sua zona de conforto.

1 Uma mudança repentina

O avanço do coronavírus fez com que o mundo desacelerasse em seus afazeres, obrigando a uma prática incomum para esta geração, que foi o distanciamento social, para conter a propagação desse vírus. Consequentemente, essa restrição de escala global afetou principalmente os negócios² que mais dependiam do fluxo e da concentração de pessoas e de todo um dinamismo humano. Em toda essa situação de gravidade, não foram somente as ciências médicas e biológicas a se empenharem no combate ao vírus, mas também outras áreas de conhecimento passaram a analisar as consequências de uma ameaça mundial (VASCONCELOS; LOURENÇO; THEISEN, 2021, p. 148). A pandemia, segundo Anna Carletti e Fábio Nobre, “expôs as feridas do secularismo e dos frágeis sistemas democráticos e o que é, essencialmente, um problema de saúde pública global, tornou-se também um problema para a saúde dos sistemas políticos contemporâneos” (2021, p. 298). Os autores expõem um apontamento mais propriamente para o sistema como um todo, mas fica também nítido que o sistema religioso não estava preparado para todo o drama pandêmico causado pelo coronavírus.

Sendo assim, parte do combate ao vírus, uma das orientações sanitárias mais úteis e um dos primeiros atos na luta contra o vírus, juntamente com o uso de álcool gel e máscara, foi o distanciamento social. Essa prática de permanecer em casa era, no mínimo, desgastante para muitas pessoas. Esta geração não está acostumada a ficar parada por muito tempo em apenas um lugar. Na verdade, as pessoas estão acostumadas a ir e vir a muitos lugares constantemente, como trabalho, academias, shoppings e passeios, e a casa, muitas vezes, é apenas o lugar de dormir. A partir disso, as pessoas se encontraram em uma situação angustiante (VASCONCELOS; LOURENÇO; THEISEN, 2021, p. 152). Isso nos

2 No Brasil, impacto econômico da pandemia será forte e duradouro. *Jornal da UNESP*. Disponível em: [https://jornal.unesp.br/2021/07/02/no-brasil-impacto-economico-da-pandemia-sera-forte-e-duradouro/#:~:text=Os%20recursos%20financeiros%20destinados%20pelo,montante%20de%20R%24%20bilh%C3%B5es](https://jornal.unesp.br/2021/07/02/no-brasil-impacto-economico-da-pandemia-sera-forte-e-duradouro/#:~:text=Os%20recursos%20financeiros%20destinados%20pelo,montante%20de%20R%24%20bilh%C3%B5es.). Acesso em: 20 set. 2022.

deixou claro que a pandemia, para a vida do indivíduo, foi muito mais dramática do que se poderia imaginar.

Esse dinamismo de ir e estar em diversos lugares também incluiu o ir e estar em reuniões religiosas. As pessoas estão habituadas a utilizar espaços específicos destinados aos seus rituais, e as religiões, incluindo as igrejas evangélicas, foram orientadas de forma repentina e sem aviso prévio, a mudar todo o contexto e se reinventar buscando minimizar a busca dos fiéis por reuniões. Para que o distanciamento acontecesse para proteção contra o contágio, foi necessária a utilização de tecnologias digitais para manter seus membros unidos, protegidos e atender às demandas trazidas pela pandemia (STEPHANINI; BROTO, 2021, p. 62).

No entanto, de acordo com Carletti e Nobre, no passado, durante a luta contra outra pandemia, a conscientização e a oportunidade de utilizar a tecnologia atual e o conhecimento contemporâneo não estavam presentes. Os autores afirmam que, após a forte influência do positivismo nas ciências sociais, a Peste Negra se tornou um dos exemplos mais notórios da relação entre a autoridade clerical, a vontade divina e a falta de entendimento e conhecimento com os quais fenômenos que exigiam análise científica eram abordados (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 299).

Contudo, a falha de não considerar as orientações científicas não foi exclusiva do período pandêmico de tempos passados, os quais não dispunham de meios tecnológicos para comunicação em massa e alta agilidade. Ou seja, enquanto naquele tempo (semelhante ao que foi orientado na pandemia da Covid-19) a ciência priorizava a proteção coletiva ao orientar a interrupção momentânea das reuniões em um contexto geral, já naquela época, havia aqueles que optavam por acatar, mas também havia aqueles que optavam por negligenciar as orientações científicas "em nome da fé". Isso também ocorreu recentemente na luta contra o Coronavírus, como Carletti e Nobre explicam a seguir:

Na Turquia, Índia, Irã e Brasil, por exemplo, a relação entre religião e ciência é normalmente levantada durante o debate público. Normalmente, grupos religiosos vão ao encontro ao discurso dado como científico - o que também por vezes é questionado - utilizando argumentos como liberdade ou fé. Um debate mais amplo poderia se formar em torno da relação teórica entre religião e ciência.

Em países como Brasil, os argumentos desencadeados pela chegada do vírus poderiam ter abalado a imagem popular da religião, particularmente entre as gerações mais jovens (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 300).

Por mais que seja reconhecida e respeitada a necessidade religiosa de cada indivíduo, a quarentena, que momentaneamente privou a prática religiosa durante a pandemia da Covid-19, se mostrou como uma boa ferramenta no enfrentamento contra o vírus, tendo como referência o passado. Tal necessidade para o enfrentamento no cenário da última pandemia não é uma atitude científica exclusiva para o período da Covid-19, segundo Stephanini e Brotto. Na pandemia da gripe espanhola, também houve a necessidade de fechamento das igrejas para a contenção da gripe (2021, p. 70).

Apesar de reconhecerem que o mundo enfrentava um período excepcional no início de 2020, vários grupos de líderes religiosos, incluindo líderes de denominações cristãs, tomaram posições de resistência ao isolamento social, alegando que não havia razão para uma separação completa. Como resultado, eles selecionaram e rejeitaram as medidas que consideravam mais convenientes em relação ao isolamento social e às medidas preventivas, muitas vezes recusando-se a seguir as diretrizes das autoridades de saúde pública. Esses grupos enfrentaram as mudanças de forma parcial, não as confrontando de maneira direta e explícita. Embora possivelmente estivessem cientes da gravidade da disseminação do vírus e da doença, eles adotaram uma abordagem pouco cautelosa e continuaram suas atividades religiosas, procurando, de forma não declarada, encontrar maneiras de contornar as restrições sanitárias e religiosas, a fim de manter o que consideravam, ideologicamente, uma prática religiosa coletiva comum. (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 75).

Essa postura, segundo Carletti e Nobre, poderia ser considerada como ariscada, mesmo que a ideia fosse trazer conforto a partir do desenvolvimento da fé dos indivíduos. Todo ajuntamento era tido como grande potencial de propagação do vírus:

Lidar com congregações religiosas em tempos de epidemias pode ser desafiador. A maioria das religiões do mundo prescreve congregações de seus adeptos ao nível local, nacional e internacional como parte de sua fé. Essa mobilização e

reunião podem servir como um ponto focal potencial para a dispersão de novos patógenos, especialmente aqueles transmitidos pela via respiratória. Os eventos relacionados ao Covid-19 espalhados entre as assembleias religiosas aparentemente corroboram isso (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 301).

Observou-se, então, que em tempo de pandemia, o ajuntamento religioso precisava ser encarado a partir da perspectiva de que tal ato poderia ter uma relação direta com a extensão das doenças epidêmicas e sua contaminação. O vírus da Covid-19 deve servir como exemplo na maneira como encaramos os surtos pandêmicos na perspectiva das reuniões religiosas (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 301). Por mais que houvesse essa necessidade de não haver reuniões religiosas como uma forma comprovada de combate para a redução da propagação do vírus, o fato é que não se reunir como era antes da pandemia não foi algo de fácil assimilação para o indivíduo religioso, como bem dizem Carletti e Nobre ao relatarem sobre os católicos romanos:

Para os católicos romanos, reunir-se é o ponto central da adoração dominical. A razão por trás de cada uma das ações rituais da primeira parte da Missa pode ser encontrada nesta palavra: reunião. O objetivo desses ritos é reuni-los em um corpo, prontos para ouvir a Palavra e partir o pão juntos. A missa católica representa um sistema de interação das comunicações católicas. O sistema de interação refere-se a uma forma particular pela qual as comunicações se reproduzem: por meio da co-presença corporal, ou seja, daqueles que estão presentes (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 301).

Interações semelhantes não exclusivas do catolicismo. Isso se repete nos cultos das mais diversas congregações, é uma característica das principais denominações protestantes no Brasil. Segundo Carletti e Nobre:

É preciso que se faça uma mínima distinção, no caso de tais denominações, entre, pelo menos, quatro tradições litúrgicas: a tradição litúrgica protestante; a tradição evangélica livre; a tradição pentecostal; e a tradição neopentecostal. Por mais que elementos tenham sido renovados, excluídos e/ou adicionados, ao longo da

história e a positivação destas tradições, todas mantêm o aspecto primordial da reunião, como elemento fundamental do culto. Não há culto sem comunidade, e não há comunidade sem o culto (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 301).

Ao que parece, até mesmo a necessidade de encontrar respostas para tal acontecimento, ou como apresentado anteriormente, motivados pela negação dos líderes religiosos, fiéis continuaram suas reuniões mesmo diante do quadro vivido. Diante da mudança repentina ocasionada pela pandemia da Peste Negra, por exemplo, eram muitas e desconstruídas as teorias. Havia aqueles que especulavam sobre os motivos para tão grande tragédia partindo desde a crença de que Deus estava exercendo uma punição à população devido aos seus pecados, como também o fato de a sede do governo papal ter sido transferida de Roma para Avignon e até a presença dos judeus em terras europeias. Os médicos não podiam fazer muito em favor dos pacientes contaminados e ninguém sabia ao certo como a doença se propagava e, muito menos, como exterminá-la. Restava para o povo apegar-se aos santos de sua devoção (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 64) mesmo sem os cultos públicos, o que também não deixava de causar uma certa crise de fé nos fiéis que sempre buscaram respostas 'prontas' para qualquer ocasião.

Ao que é apresentado, no momento que não há uma resposta concreta a qual possa fundamentar a necessidade de mudanças repentinas no que diz respeito às restrições dos cultos, o indivíduo tende a entrar em alguns dilemas a partir da sua religiosidade. Contudo, segundo Vasconcelos, Lourenço e Theisen, a mesma crise que traz mudanças repentinas, também pode trazer benefícios:

A palavra crise parece-nos uma excelente síntese sobre a vivência da fé cristã no tempo da Covid-19 e reflete bem a experiência bíblica. Mesmo se atualmente ela está cercada de conotações negativas (crise imobiliária, crise financeira, crise existencial), possui um caráter positivo que não deve ser ignorado. Em sua etimologia, o termo grego *krisis* significa julgar, distinguir, decidir. Em sua utilização, poderíamos trazer a imagem de um construtor de pontes. Ao fazer seus alicerces, o momento decisivo é a construção da pista/estrada sobre eles, o que indicará se estão bem fundamentados. Se durante o seu uso, a ponte mostra-se instável, ela

entra em processo de crise, ou seja, é preciso fazer um julgamento para concluir onde o problema está. Se um alicerce não está forte, ou se fortalece ou se constrói outro, eliminando o antigo (VASCONCELOS; LOURENÇO; THEISEN, 2021, p. 152).

As autoridades de saúde, visando reduzir a transmissão do vírus, alertaram sobre os perigos das aglomerações e a necessidade das pessoas se isolarem e manterem o distanciamento social. Muitas comunidades religiosas acataram essas orientações, optando por fechar seus locais de culto e aconselhando seus membros a permanecerem em casa. No entanto, diante dessa crise social e religiosa, as lideranças começaram a buscar alternativas para continuar a apoiar os integrantes das comunidades. Grande parte das religiões, reconhecendo a gravidade do vírus e os riscos associados à continuação dos encontros públicos, tomou medidas para atender às necessidades de seus fiéis, adotando novas tecnologias digitais e desenvolvendo redes de solidariedade (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 75-76).

Diante da pandemia, a rotina das reuniões teve que ser alterada, mas mesmo nesse momento desafiador, há análises a serem feitas e conclusões a serem tiradas. Por exemplo, as igrejas evangélicas, cujas atividades se concentravam principalmente aos domingos e nos templos, tiveram que se adaptar às circunstâncias. Respeitando as recomendações das autoridades de saúde, elas fecharam os templos durante o pico da pandemia e, posteriormente, adotaram medidas de restrição de acesso, bem como estratégias alternativas para atender às necessidades religiosas de seus membros (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 70-71). Essas mudanças representaram experiências valiosas³. Muitas igrejas evangélicas aproveitaram a crise da pandemia como uma oportunidade para modernizar-se e aprofundar o uso das tecnologias, especialmente nas redes sociais e nas transmissões ao vivo.

Compreende-se, portanto, que uma das estratégias comprovadas para combater a propagação da Covid-19 foi o distanciamento social. No entanto, essa prática afetou diretamente a maneira como as pessoas praticavam sua religião. Cabia aos líderes das

3 Mais sobre o assunto em 'O uso da tecnologia pela igreja em tempo de pandemia'. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/o-uso-da-tecnologia-pela-igreja-em-tempo-de-pandemia-ericholiveira/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 24 jan. 2023.

igrejas evangélicas desenvolverem novas formas de se aproximar, proteger e apoiar gradualmente os fiéis, enfrentando não apenas o vírus, mas também o desafio de manter a fé em uma nova realidade, frequentemente à distância, e adaptando-se às mudanças tecnológicas.

2 O sofrimento que se evidenciou na pandemia

Segundo C. S. Lewis “Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nosso sofrimento: o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo” (2009, p. 106). Nas palavras de Lewis pode-se compreender que quando o indivíduo religioso sofre, ele se inclina à sensibilidade, que já faz parte da vida do sujeito. Nas palavras de Cláudia Maria Rocha de Oliveira, pode-se observar que ser religioso não impede o sofrimento do indivíduo:

Diante do problema do mal, a inteligência se transforma em um grande oceano de interrogações. O sofrimento dos mártires, dos judeus vítimas do holocausto, dos povos indígenas massacrados em todas as Américas, do povo palestino que habita na faixa de Gaza, dos cristãos perseguidos na Índia, dos imigrantes marginalizados e de tantas outras pessoas e povos, em todos os tempos e lugares, conduz a argumentação ao silêncio. Entretanto, o silêncio não corresponde à indiferença ou omissão, mas trata-se de um silêncio que reflete e que busca por meio do reconhecimento da paradoxalidade da situação uma resposta para tantas interrogações. Ora, é justamente no silêncio da não passividade e da não aceitação conformista que propomos aqui escrever algumas linhas sobre esse tema que atinge não somente a razão, mas também o coração de toda humanidade. Todo ser humano se confronta, em algum momento, com o problema do mal que emerge com uma força tal que não o considerar é alienar-se da realidade, ao definir este problema como “enigma para a razão” e “desafio para a fé” (OLIVEIRA, 2020, p. 740).

No tempo da pandemia da Peste Negra, o catolicismo era predominante na Europa e a Igreja regia com ações na sociedade em todas as circunstâncias. Acreditava-se

então que a vida terrena era um detalhe e o mais importante era a vida na eternidade. Praticamente todas as pessoas criam na existência de um Deus bom, rico em misericórdia e na existência de uma vida pós-morte. Mesmo assim, Segundo Stephanini e Brotto, “quando ocorria alguma calamidade, como a peste negra, acreditava-se que era Deus quem estava punindo os homens ou os provando. Para aplacar a sua cólera, as pessoas deviam jejuar, fazer penitências, orar e realizar atos de caridade” (2021, p. 64).

Contudo, para Cláudia Maria Rocha de Oliveira, o sofrimento causado pela pandemia não é relacionado ao castigo divino, mas a um conjunto de ações ou a falta delas por parte do homem.

Milhões de pessoas sofrem no mundo por não terem acesso a hospitais e recursos capazes de garantir a sobrevivência. Neste caso, seguramente poderíamos investigar e apontar atos passados que conduziram a situação atual. Seria possível apontar culpados e exigir que seja assumida a responsabilidade pelas consequências. A desigualdade é, sem dúvida, resultado de escolhas e decisões humanas. Com certeza, uma distribuição mais igualitária dos recursos tornaria possível que milhares de vidas fossem preservadas, não apenas agora durante a pandemia, mas ao longo de toda a história. Países europeus começaram a discutir, diante da gravidade da situação, a possibilidade de criação de uma renda básica universal, que tornaria possível proteger as pessoas da fome em tempos de crise. Isso parece uma excelente iniciativa. Contudo, também neste caso, uma menor desigualdade social, por mais que trouxesse efeitos extremamente positivos para toda humanidade, não implicaria numa superação completa do mal. Não impediria, completamente, o sofrimento inocente. Em consequência, por mais que ajude a pensar o problema do mal, a noção de transgressão não é suficiente. Ela não nos dá todas as respostas. A questão continua em aberto (OLIVEIRA, 2020, p. 744).

Para a autora citada, quando algo foge do controle, a ideia é a busca por ações urgentes que possam sanar os problemas decorrentes na humanidade. A evidência dos problemas inesperados torna o problema do mal mais aparente, e com isso, tem a capacidade de revelar a ação do homem sobre o mundo. A humanidade não é

composta por deuses e não tem o poder sobre a realidade nem pode dominá-la, por conta da sua complexidade. Diante de um mal real, a inteligência humana é convocada à humildade. Quem acredita saber e dominar tudo, tem limitações no pensar (OLIVEIRA, 2020). Assevera-se também que é difícil assumir as consequências dos atos. No momento é apresentado, por exemplo, que diante da pandemia e a sua seriedade, há pessoas que preferem direcionar aos outros – ou a Deus – a culpa por suas próprias omissões (OLIVEIRA, 2020).

Num momento crítico da pandemia de Covid-19, a ênfase não deveria recair na omissão, mas sim na percepção do sofrimento alheio. O sofrimento representa um fenômeno consciente que desafia qualquer tentativa de atribuição de sentido. Sua estrutura contraditória não se assemelha à discrepância formal presente na tensão dialética entre afirmação e negação, como resultante da inteligência, mas sim ao modo de sensação. Assim, o sofrimento é um mal universalmente reconhecido e experimentado (OLIVEIRA, 2020). Sob uma perspectiva religiosa, mais precisamente no contexto evangélico, surge a indagação: qual é a origem do sofrimento? Pode este ser considerado como um castigo divino? Solange Maria Carmo e Eduardo César Rodrigues Calil sugerem que a busca por essa resposta pode estar relacionada a uma culpabilidade sem precedentes, oriunda do ambiente religioso:

No caso da pandemia, poderíamos perguntar: Deus está nos castigando exatamente por quê? Pois, falar de castigo evoca uma pergunta pela culpa. De um lado, o ser humano se encontra superculpabilizado por conta de uma experiência religiosa que sobreleva o papel do pecado e moraliza a vida com tantas regras, pedindo-nos para viver como anjos, coisa impossível. De outro, há um cansaço entre nós de ser gente, por conta das muitas exigências e pressões para encaixarmo-nos em modelos; há pressão demais pela perfeição, seja ela a dos corpos, a dos sorrisos, a do equilíbrio e da normalidade, a da felicidade perene. Esgarçados entre o pedido de perfeição vindo do moralismo religioso e do perfeccionismo do *self-made man* moderno, sobra a culpa. Superculpabilizado, o ser humano perde as forças. A culpa é só mais um mal que se acrescenta ao mal do erro (CARMO; CALIL, 2020, p. 227).

Na verdade, o sofrimento não tem um sentido específico que possa ser apreendido ou explicado pela razão e expressado por um discurso capaz de confortar aqueles que sofrem. Segundo Cláudia Maria Rocha de Oliveira, “é a partir da própria vivência da experiência do sofrimento que quem sofre pode ser capaz de descobrir um sentido não para a própria dor, mas um sentido para além da dor” (2020, p. 756). Observa-se que tal dor, tal sofrimento ocasionado pela pandemia da Covid-19 trouxe profundas mudanças no comportamento social dos brasileiros, bem como nos procedimentos institucionais e empresariais, assim como nas práticas pastorais das igrejas nesse momento crítico de saúde pública. Segundo Márcio Divino de Oliveira, “compreender os impactos dessas mudanças na *práxis* pastoral da igreja é importante para a Teologia Pastoral, um setor da Teologia que articula a correlação entre a fé/Evangelho e a realidade cotidiana; a *práxis* da igreja em suas ações internas e as situações concretas da sociedade” (2020, p. 258). O sofrimento, as angústias, os questionamentos sobre o momento, todo esse cenário corroborou para uma ação imediata e necessária, não só por parte das autoridades de saúde, mas também por parte dos pastores.

As vítimas fatais do vírus em várias partes do país foram sepultadas, em sua maioria, sem a presença de seus familiares. As famílias choraram a morte de seus entes queridos, conviveram com o luto de uma forma traumática e com a dor de não poderem se despedir dignamente de seus entes queridos. Para Márcio Divino de Oliveira, “essa situação, aliada aos noticiários diários de mortes e à política de isolamento social, pode fazer crescer os sintomas das doenças mentais entre a população” (2020, p. 260). Todo esse contexto de traumas ocasionado pela pandemia, que levou a problemas como ansiedade, depressão, angústia, síndrome do pânico, entre outros. Conseqüentemente, motivou o exercício do cuidado para com aqueles que sobreviveram ao momento, e, no contexto religioso, o cuidado pastoral é indispensável, mesmo que de forma limitada e com o mínimo contato possível. Márcio Divino de Oliveira faz menção a esse assunto:

Em outros termos, a pandemia levanta a preocupação não apenas com a saúde física das pessoas, mas também com a saúde emocional – e, porque não afirmar também, a saúde espiritual. A Igreja Cristã possui uma rica tradição de cuidado e suporte às pessoas em meio a momentos críticos e de crises da vida. Afinal de

contas, firmada na fé em Cristo, o Bom-Pastor, a igreja ao longo de sua história, em diferentes momentos demonstrou compaixão e solidariedade às pessoas que sofriam: catástrofes naturais/ambientais, pandemias, guerras, crises financeiras e de fome etc. Deste modo, neste cenário delicado em que vivemos, recobra a importância de se pensar a *práxis* pastoral da igreja a fim de ajudar as pessoas em meio à pandemia da Covid-19. A Teologia Pastoral pode operar valioso papel à igreja nesse momento: subsidiar suas *práxis* pastorais. (OLIVEIRA, 2020, p. 261).

O autor ressalta que na linha de frente dessa batalha, diversos profissionais dos serviços essenciais, como médicos, policiais, profissionais de supermercados e caminhoneiros, enfrentam bravamente o desafio de proteger vidas e manter uma certa “normalidade” em tempos de insegurança. Oliveira destaca que:

Esses trabalhadores, além de conviverem com o perigo da morte, enfrentam duras situações de estresses e preocupações com seus familiares. É importante que a igreja busque formas de alimentar espiritualmente e pastorear esse grupo nesse momento. Esse tipo de apoio pastoral ocupa um significado especial na vida dos profissionais de saúde. Isso porque, além de apresentarem necessidades de cuidado como qualquer pessoa, os médicos/representantes da saúde são formados para salvar vidas. A morte de seus pacientes pode trazer sofrimentos e conflitos a esses profissionais. Sem esquecer o fato de conviverem, nesse momento de pandemia, mais do que outras épocas; com jornada estressante de trabalho, risco de contaminação pelo vírus, pelas faltas de infraestrutura adequada de trabalho; e preocupação com os familiares, como já indicado, entre outras situações. Indicações que mostram o quanto uma pastoral de cuidado com profissionais de saúde recobre-se de significado neste cenário (OLIVEIRA, 2020, p. 265).

Os prédios das igrejas ficaram momentaneamente com as portas fechadas, mas não a igreja enquanto comunidade de fé. Ela é formada por pessoas que ajudaram e precisaram de ajuda. Portanto, a pandemia criou uma oportunidade para a prática da solidariedade, ou seja, ajudar aqueles que mais precisam, começando pelos membros da

comunidade de fé. Além disso, a solidariedade da Igreja Evangélica não se limitou apenas a auxiliar os membros da própria fé. Foram realizadas ações, mais abrangentes como: distribuição de alimentos e itens básicos, assistência psicológica, ações de solidariedade na comunidade, campanhas de conscientização e prevenção, apoio a profissionais da linha de frente, plataformas virtuais de adoração e conexão, entre outros auxílios que serviram como exemplo para a sociedade, buscando ajudar pessoas necessitadas.

Muitas pessoas perderam seus empregos devido às restrições necessárias para combater o vírus, e aqueles que eram autônomos não puderam exercer suas atividades⁴. Entre os necessitados, não podemos esquecer daqueles que são mais vulneráveis, como a população de rua, crianças, imigrantes e presos. A situação econômica também afetou as comunidades de fé, mas isso não limitou a capacidade da Igreja de ser uma presença solidária de Deus para com os necessitados.

Durante a pandemia, em um período de grande desafio, a necessidade de ações inovadoras se tornou evidente para auxiliar aqueles que enfrentavam diversas formas de sofrimento. A mobilização dos fiéis da Igreja foi essencial para oferecer suporte aos vizinhos ou membros do grupo de risco, que demandavam assistência imediata. Diversos idosos, impossibilitados de deixar suas residências, encontravam-se em situações de solidão ou compartilhavam o isolamento com outros do grupo de risco. Tornou-se crucial fornecer auxílio para atividades cotidianas, como aquisição de mantimentos em supermercados e atender a outras necessidades (OLIVEIRA, 2020, p. 266).

Uma consequência notável da pandemia, que permanece relevante e continuará a ser, é a alteração nas dinâmicas familiares. O confinamento social decorrente da pandemia levou muitas famílias a permanecerem juntas de forma “forçada”. Isso resultou em uma mudança significativa, especialmente para os pais, que antes tinham contato mínimo com os filhos. Esses pais se viram constantemente envolvidos nas responsabilidades diárias, equilibrando suas atividades profissionais em regime de *home office* com o cuidado, entretenimento e atenção aos filhos (OLIVEIRA, 2020, p. 267).

4 Mais de 40% dos brasileiros tiveram carreira prejudicada pela pandemia (cnnbrasil.com.br). <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mais-de-40-dos-brasileiros-tiveram-carreira-prejudicada-pela-pandemia/>. Acesso em 20 set. 2022.

De acordo com Oliveira, de maneira semelhante, os cônjuges enfrentaram o desafio de se reinventar para gerenciar as tarefas domésticas, o trabalho, a criação dos filhos e os aspectos relacionais nesses tempos instáveis (2020, p. 267). No entanto, Oliveira observa que a pandemia, ao obrigar as pessoas a permanecerem em suas residências, não apenas intensificou o contato entre pais e filhos, mas também desencadeou crises nos relacionamentos:

Outras configurações familiares, hoje reconhecidas, também vivem suas crises nesse momento de família confinada. Inclusive se assiste neste período movimentos de casais separados, reconfigurando suas rotinas (guarda compartilhada) e, em alguns casos, voltando a morar juntos com seus antigos parceiros para cuidarem dos filhos. Na esteira das crises enfrentadas pelas famílias, nesse tempo de pandemia, temos as crises vivenciadas por famílias que nem começaram ainda: casais de noivos que tinham seus casamentos marcados para esse período (OLIVEIRA, 2020, p. 267).

Além do drama nas relações familiares, muitos enfrentaram a perda de entes queridos vítimas do novo coronavírus e, adicionalmente, tiveram que lidar com o vazio de não poderem realizar os funerais e prestar as devidas homenagens aos seus entes. O abatimento decorrente das crises e do luto foi generalizado, tanto para aqueles que perderam seus familiares para a Covid-19 quanto para aqueles que acompanharam o aumento das mortes nos meios de comunicação. Além das crises familiares e do luto, somaram-se a tudo isso, de acordo com Oliveira, a “perda de emprego; queda na renda e/ou nos negócios; perda da mobilidade; falta de perspectiva de futuro e esperança; saudades do convívio com avós, netos, amigos, entre outros. Tudo isso gera um sentimento de impotência e um vazio existencial nas pessoas” (2020, p. 269).

Segundo Vasconcelos, Lourenço e Theisen, no “processo de atribuir novos significados, não houve negação do sofrimento, não houve minimização das mortes e das perdas. Houve um processo de reinterpretção de Deus e das relações humanas consigo mesmo, com os bens materiais e com o divino a partir do momento presente” (2021, p. 145).

Ainda no contexto das famílias, o período de confinamento pode ter exacerbado problemas como o consumo excessivo de álcool, hipocondria e reavivado questões nos relacionamentos conjugais que poderiam estar latentes. Esse cenário também propiciou um aumento nos casos de abuso e violência familiar. A ONU, por exemplo, destacou um aumento significativo da violência doméstica de gênero em alguns países que enfrentaram a pandemia de Covid-19, incluindo o Brasil. Infelizmente, o Brasil não escapou do aumento dos casos de violência doméstica, com as mulheres sendo as principais vítimas (OLIVEIRA, 2020, p. 268). Isso deve servir como um alerta não apenas para a gravidade da situação enfrentada pelas mulheres, mas também para a necessidade de apoio por parte das igrejas no pós-pandemia.

O que aconteceu com as mulheres em seus lares pode ser ainda pior do que foi registrado. Nem todas as mulheres tiveram a coragem de denunciar a violência que sofreram. A falta de dados detalhados sobre violência doméstica durante a pandemia da Covid-19 pode não nos dar uma compreensão real do que realmente ocorreu e o quanto as mulheres sofreram nesse período. A subnotificação das ocorrências afetou qualquer ação de políticas públicas de apoio às mulheres, pois o planejamento adequado das respostas é fundamental para uma intervenção eficaz (BAGGENSTOSS; LI; BORDON, 2020, p. 350).

Não apenas as ações governamentais foram limitadas pela falta de dados, mas também a Igreja ficou sem compreender a situação real enfrentada por suas fiéis. A proteção social de todos os vulneráveis, neste caso, as mulheres, é responsabilidade do Estado, visando capacitar uma atuação planejada e uma execução eficaz de políticas públicas (BAGGENSTOSS; LI; BORDON, 2020, p. 351). No entanto, a igreja evangélica brasileira e toda a sociedade não podem se eximir de acolher e ajudar qualquer mulher que possa ter passado por essa situação.

Outro ponto importante a ser observado em relação à violência contra as mulheres é a cultura do silêncio e a negação da existência da violência. As estruturas sociais e religiosas podem contribuir para a perpetuação desses comportamentos até os dias atuais. Sendo assim, é em casa que as mulheres enfrentam as agressões físicas e psicológicas, exatamente onde a pandemia nos forçou a permanecer para nos proteger. É interessante

notar que, de acordo com Sandra Duarte de Souza e Claudia Poleti Oshiro, as instituições religiosas têm acesso mais fácil à intimidade das famílias (2018, p. 214).

No entanto, esse acesso nem sempre tem sido benéfico ou protetor para as mulheres quando se trata de violência. No caso das mulheres evangélicas, muitas vezes elas compartilham o que estão passando dentro de suas casas com líderes religiosos e membros da igreja durante conflitos. No entanto, as soluções costumam ser baseadas em práticas que expõem ainda mais a integridade da mulher em seu lar. Portanto, as autoras consideram que:

A estreita relação entre a religião e a perpetuação da violência não pode ser ignorada ao tratarmos da violência doméstica contra as mulheres. Os sistemas religiosos contribuem para a violência contra as mulheres ao afirmarem sua submissão e secundariedade. A linguagem simbólica ritualizada tem um grande poder de impor-se como norma, como regra, legitimando comportamentos. Se a religião afirma a submissão, a obediência e a responsabilidade feminina pela manutenção do lar, ela afirma também a legitimidade da violência contra as mulheres (SOUZA; OSHIRO, 2018, p. 211-212).

O sério apontamento sobre a negligência praticada por algumas instituições baseadas no fundamentalismo torna o assunto ainda mais grave, especialmente quando consideramos os dados que indicam um aumento de 27% nas denúncias no 'Ligue 180'⁵ nos últimos anos no Brasil. Para muitas mulheres, o espaço doméstico, que um dia foi um refúgio contra o vírus, ironicamente, transformou-se em um ambiente de difícil convivência, marcado por agressões físicas, psicológicas, morais, patrimoniais e sexuais. Assim, para algumas delas, o ambiente em casa não foi pacífico nem seguro; tornou-se muitas vezes um local de luta contra as violências e pela sobrevivência (MOREIRA; ALVES; OLIVEIRA; NATIVIDADE, 2022, p. 5). O ato de permanecer em casa, inicialmente adotado como medida

5 O que é Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180?. Gov.com. Disponível em: O que é Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180? — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ligue180#:~:text=A%20Central%20de%20Atendimento%20%C3%A0,em%20%C3%A2mbito%20nacional%20e%20internacional.> Acesso em: 19 set. 2022.

de segurança durante a pandemia, evidenciou diversos problemas, incluindo a violência doméstica (MOREIRA; ALVES; OLIVEIRA; NATIVIDADE, 2022, p. 7).

Esse turbilhão de sofrimento que a humanidade enfrentou no tempo de pandemia – alguns apontados por aqui –, pode ter uma intervenção religiosa que poderia amenizar os corações que sofrem, por exemplo o cuidado pastoral sério:

A realização de Ofício Fúnebre (virtual) nesse momento e/ou de culto In Memoriam presencial quando terminar o isolamento, pode oferecer valiosos confortos às famílias enlutadas. O fomento de espaço de escuta ou criação de grupos de apoio de luto virtuais aparecem como ações pastorais valiosas nesse contexto. Igualmente, a construção de mensagens cristãs abordando o tema da espiritualidade diante da morte e do luto se reveste de significado para a pessoa enlutada, pois nessas situações emergem inúmeras perguntas e dúvidas. Soma-se a isso o destaque às pessoas enlutadas do papel consolador e sustentador do Espírito Santo nesses momentos de dor (OLIVEIRA, 2020, p. 269).

Sendo assim, como bem observam Vasconcelos, Lourenço e Theisen, perguntas surgem no decorrer de todo o processo que a humanidade tem vivido:

Uma das perguntas que é feita ao ter diante de nós a realidade da pandemia é a pergunta por Deus, isto é, como Ele, sendo Amor (1Jo 4,8), permite esta realidade. No entanto, como bem recorda “são perguntas injustas com um Deus-Amor. Ao contrário, a pergunta deve ser: onde estamos nós diante da pandemia? Por que nós, humanidade, permitimos ou continuamos permitindo a pandemia?”. Trata-se da mesma pergunta que Deus faz ao homem no livro do Gênesis: “Onde estás?” (Gn 3, 9), é a pergunta pela nossa responsabilidade a nossa fé e a nossa crença em Deus é transmitida. Em vez de reconhecer a identidade amorosa de Deus, cria-se um Deus manipulável (VASCONCELOS; LOURENÇO; THEISEN, 2021, p. 149-150).

O fato é que há muitos fatores que possibilitaram o sofrimento da humanidade nesse tempo de pandemia. Seja todo questionamento que busca a resposta onde não há, seja a impossibilidade de prestar as devidas homenagens aos seus entes que se foram ou apoio

àqueles que sepultam os seus mortos, como também crises familiares relacionadas ao convívio ou a perda do emprego, ou a redução da renda. Dentre essas várias pessoas que sofreram e ainda sofrem, o que fica como aprendizado é que a Igreja pode e deve ser uma agência que gere muito mais que programações. A Igreja e seus líderes puderam e podem promover conforto, cuidado e orientações nesse tempo de dor e pós esse período.

3 Daqui a diante, como será?

Embora as pandemias tenham causado diversos traumas à humanidade, o período influenciado pela Covid-19 não apenas gerou desafios, mas também proporcionou novas oportunidades. As crises sanitárias, embora emergentes e urgentes, têm o potencial de impulsionar as comunidades religiosas a descobrir abordagens inovadoras para enfrentar adversidades e se reinventar, abrindo espaço para conceitos e oportunidades inexplorados. Em face do inesperado, é imperativo reconsiderar teorias e ideias. Não reconhecer o surgimento de novas circunstâncias como uma oportunidade, mesmo que de forma impositiva, pode resultar em equívoco.

Nesse contexto, a quebra de paradigmas tradicionais promovida pelas pandemias, conforme apontado por Stephanini e Brotto (2021, p. 69), não foi totalmente prejudicial. Uma distinção significativa entre pandemias passadas e a Covid-19, que provocou transformações na prática religiosa, é a adoção das mídias digitais pelas religiões como ferramenta de comunicação. Essa mudança representa um novo caminho de evolução, potencialmente benéfico, que deveria ser mantido no período pós-pandemia (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 62).

Para Carletti e Nobre, a tecnologia traz consigo a competitividade entre as religiões:

Para enfrentar a quarentena imposta pelo vírus pandêmico, líderes de várias confissões mudaram rapidamente suas estratégias para alcançar e expandir seu público. Esta situação também trouxe novas questões, como controlar a desterritorialização, o pertencimento e a lealdade da fé num mercado virtual competitivo, os sacramentos virtuais e a tradição neste cenário de alta tecnologia e pouco contato. Esse repentino distanciamento social potencializou a mediação

das relações exclusivamente pela tecnologia. A reação a uma onda de medo insurgente pode ser o gatilho para as pessoas buscarem alívio na religião (CARLETTI; NOBRE, 2021, p. 305).

As buscas por reuniões *online*, assim como a transmissão de orações em áudio e vídeo, aumentaram durante a pandemia. Além disso, observou-se um crescimento na procura por acompanhamento de cultos, missas e outros encontros transmitidos digitalmente. Essas práticas devocionais cotidianas também registraram um aumento significativo. Conforme destacado por Carletti e Nobre, essas tendências se manifestaram em mais de 230 milhões de smartphones no Brasil, aproveitando a disseminação da internet banda larga em todo o país (2021, p. 306).

Essa busca religiosa intensificada incentivou os líderes religiosos a explorarem novas alternativas. A criatividade na ação pastoral da igreja tornou-se fundamental, especialmente ao otimizar recursos virtuais. A utilização de novas ferramentas demonstrou ser uma decisão apropriada para o período de distanciamento causado pela pandemia. Mesmo com a flexibilização das medidas de isolamento social e a conscientização de que o vírus continuará circulando pelo país por um período indeterminado, essas mudanças tiveram um impacto significativo.

A pandemia não apenas transformou profundamente a forma como as pessoas se conectam, mas também proporcionou uma nova oportunidade para a criatividade, como apontado por Oliveira (2020, p. 262). Diante dessa nova demanda:

A igreja exerce sua *práxis* pastoral de forma criativa, reflexiva, crítica, transformadora e radical. Isso permite compreender que os usos das ferramentas digitais não podem ser simplistas – uma mera replicação das tradicionais formas de cuidado no espaço virtual –, mas realizada de forma crítica e criativa para alcançar eficientemente as pessoas. Afinal de contas, os meios digitais operam em uma outra lógica, diferente das dinâmicas presenciais. Daí a necessidade de conhecer bem cada plataforma ou ferramenta digital para o êxito da elaboração dos conteúdos digitais e sua veiculação, bem como não saturação das pessoas receptoras desses conteúdos online (OLIVEIRA, 2020, p. 264).

Os artifícios virtuais foram e são uma solução de grande valia para a igreja pastorear as pessoas desde o tempo da pandemia de Covid-19. Contudo, mesmo após a flexibilização das políticas de isolamento social, foram mostradas outras demandas e desafios para cuidar daqueles que necessitam. Isso exigirá da comunidade e das lideranças religiosas uma leitura responsável da realidade para propor práticas de cuidados relevantes em um novo cenário chamado por muitos como “o novo normal”, distinto do período pré-pandemia (OLIVEIRA, 2020, p. 272-273).

Segundo Stephanini e Brotto, outra mudança que a certo ponto será benéfica para o cristianismo é o desprendimento do templo e a valorização das reuniões nas casas com grupos menores:

Um dos movimentos que acabaram acontecendo, mesmo que de maneira forçada, foi a valorização das casas, motivada pela quarentena, retornando a uma prática muito comum entre os cristãos nos primeiros séculos, como se lê nas narrativas das Escrituras: “E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração” (Atos 2:46). As casas dos membros das igrejas eram utilizadas pelos discípulos e discípulas de Jesus Cristo para reunir-se e celebrar a comunhão cristã. “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de anunciar Jesus Cristo” (Atos 5: 42) (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 71).

As construções conhecidas como templos tem a sua utilidade prática. Mas é perfeitamente possível as igrejas cristãs existirem e exercitarem a sua missão mesmo sem as tradicionais reuniões aos domingos no espaço físico da comunidade de fé, dirigidas por um pastor, um líder, num culto, no templo. Isso foi praticado no período de pandemia, em que as comunidades de fé passaram a ter as casas como refúgio para os seus fiéis e as mídias como estratégia para a divulgação da mensagem de sua comunidade de fé (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 71). Para Stephanini e Brotto, a tecnologia é um recurso para manter o relacionamento para com os fiéis:

Em busca de mudanças e adequações neste tempo de pandemia, as religiões, por meio do arcabouço e dinâmica própria de cada uma, assumiram vultosa intensidade no ciberespaço por meio das tecnologias, gerando uma enorme pandemia de transmissões religiosas: doutrinas, ritos, valores, celebrações, estudos, comunicações etc. Neste panorama de mudanças rápidas nas atividades religiosas impostas pela pandemia da Covid-19, o distanciamento físico em busca de boas práticas higiênicas, demandou das lideranças religiosas alternativas para manterem os laços relacionais e religiosos e assistirem religiosamente os fiéis (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 71-72).

Quando as notícias sobre a gravidade do vírus e sua classificação como uma pandemia mundial se espalharam no início de 2020, houve a necessidade de fechar os locais de culto devido aos riscos de contaminação. Como resultado, uma grande parte dos líderes religiosos em todo o mundo passou a utilizar os meios de comunicação para continuar as atividades religiosas, proporcionando aos fiéis uma forma de lidar com a tristeza causada pela ausência das celebrações nos espaços sagrados tradicionais. Essa proximidade virtual contrapôs o distanciamento físico, incentivando os fiéis a praticarem sua fé de maneira solidária e fraterna, promovendo a caridade mútua e ações solidárias em benefício da comunidade (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 72).

Segundo as palavras de Oliveira e Paixão, superar desafios implica em abordar de forma integrada as várias crises. Não há uma solução predefinida, mas ao encarar a realidade e as aflições do mundo, e ao estabelecer colaborações, podemos contribuir por meio de práticas diaconais, alinhadas com a mensagem de Jesus: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (2021, p. 194).

Entretanto, para Stephanini e Brotto, a pandemia serve de aprendizado e a possibilidade de novas descobertas:

O que em princípio se constituiu num problema desafiador para os membros das comunidades pode se transformar numa descoberta interessante que servirá de aprendizado e aquisição de novas posturas a partir do fim da pandemia, diante do reconhecimento da competência de cada indivíduo no desenvolvimento de sua própria espiritualidade com liberdade e autonomia, o que na teologia cristã

protestante se entende por sacerdócio universal dos santos. Embora a dimensão comunitária da fé tenha relevância vital para os cristãos, reconhece-se que cada discípulo/a de Jesus Cristo tem autonomia para desenvolver um relacionamento íntimo e pessoal com o divino (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 77).

O fato é que o momento de pandemia sugeriu, mesmo de forma forçosa, que a crise é uma oportunidade de novos começos e leva a humanidade, em um caso mais específico o religioso, a sair da inércia e avaliar o seu próprio trajeto com a possibilidade de novos contornos, os quais sem dúvidas, serão utilizados pela próxima geração. Mas nesse tempo de indagações e incertezas, ficamos com a reflexão de Marlow e Rosa que menciona: “esperamos viver a pós-pandemia da Covid-19 como melhores pessoas, haverá uma nova mentalidade na sociedade contemporânea” (2021, p. 96)?

Considerações finais

Ao revisitarmos o caso da pandemia de Covid-19, percebemos seu impacto transformador e as valiosas lições que dela emergiram. As adversidades enfrentadas revelaram-se não apenas como desafios, mas como impulsionadoras de mudanças significativas, particularmente nas práticas religiosas.

Pudemos ver que a incursão das religiões no universo digital, impulsionada pela necessidade de adaptação durante a pandemia, não foi apenas uma solução temporária. Ao contrário, introduziu uma nova dinâmica na comunicação e interação das comunidades religiosas, desafiando paradigmas tradicionais e ressaltando a resiliência frente à adversidade.

A competitividade entre as religiões no ambiente virtual destacou a importância das tecnologias na busca por conexões e no fornecimento de suporte espiritual. As práticas religiosas online não foram apenas uma resposta imediata, mas uma expressão única e inclusiva que transcendeu as limitações do presencial, sinalizando uma evolução na relação entre comunidades religiosas e seus fiéis.

A criatividade na ação pastoral não foi apenas uma resposta estratégica, mas uma reflexão profunda sobre a essência da fé e a necessidade de abordagens inovadoras

na transmissão da mensagem espiritual. A valorização das reuniões nas casas como um movimento benéfico para o Cristianismo sugeriu uma mudança na dinâmica das práticas religiosas, indicando que o desprendimento do templo físico pode resultar em uma espiritualidade mais pessoal e autônoma.

Agora já no momento da pós-pandemia, a imposição da crise se revela como um catalisador para novos começos e para a avaliação crítica do trajeto percorrido. A indagação proposta por Marlow e Rosa ressoa como um convite à reflexão mais ampla sobre o impacto duradouro dessa experiência coletiva: “haverá uma nova mentalidade na sociedade contemporânea” (2021, p. 96)?

A expectativa de emergir da pós-pandemia como indivíduos aprimorados, contribuindo para uma nova mentalidade na sociedade contemporânea, destaca a necessidade de permanecer atentos às lições aprendidas e às oportunidades de transformação que surgiram em meio às adversidades. Em última análise, a pandemia, apesar de seus desafios inegáveis, emerge como um momento catalisador para repensar, renovar e avançar em direção a um futuro pós-crise mais resiliente e compassivo.

Revelou-se então um momento de aprendizado e descoberta. A autonomia na busca espiritual, que surgiu do distanciamento físico, sugere uma transformação na relação individual com o divino, desafiando concepções prévias e promovendo uma espiritualidade mais pessoal e autônoma.

À medida que contemplamos o período pós-pandemia, a reflexão sobre a possibilidade de uma nova mentalidade na sociedade contemporânea ressoa como um convite à transformação. A pandemia, mesmo no passado, continua a ser um marco que catalisou um novo começo e uma sociedade mais resiliente e compassiva, evidenciando que, ao enfrentar desafios, a humanidade tem a capacidade de se reinventar e evoluir.

Referências

BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra; LI, Leticia Povala; BORDON, Lucely Ginani. Violência contra Mulheres e a Pandemia do Covid-19: Insuficiência de Dados Oficiais e de Respostas do Estado Brasileiro. *RDP*, v. 17, n. 94, p. 336-363, 2020.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio. A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*. n. 39, p. 295-319, 2021.

CARMO, Solange Maria; CALIL, Eduardo César Rodrigues. Matar nossos deuses. *Interações*, v. 15, n. 1, p. 222-232, 2020.

LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

MARLOW, Sergio Luiz; ROSA, Wanderley Pereira. A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 12, n. 1, p. 80-98, 2021.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; ALVES, Júlia Somberg; OLIVEIRA, Renata Ghisleni de; NATIVIDADE, Cláudia. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. *Psicologia & Sociedade*, n. 32, p. 1-19, 2022.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. Homo patiens: implicações filosófico-teológicas da experiência do sofrimento. *Horizonte*, v. 18, n. 56, p. 738-764, 2020.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; PAIXÃO, Márcia Eliane Leindecker da. Diaconia, crises e Covid-19: da adversidade à transformação. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 12, n. 1, p. 177-197, 2021.

OLIVEIRA, Márcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. *Revista Caminhando*. v. 25, n. 1, p. 257-276, 2020.

SARTO, Giovanna; VALAMIEL, Paulina; FERNANDES, Sílvia. Entre clamor, transição e vibrações: controvérsias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, v. XVI, n. 1, p. 100-136, 2022.

SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia Poleti. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Caminhos*, v. 16, n. 2, p. 203-219, 2018.

STEPHANINI, Valdir; BROTO, Julio Cezar de Paula. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*. v. 12, n. 1, p. 61-79, 2021.

VASCONCELOS, Aparecida Maria de; LOURENÇO, Rodolfo José; THEISEN, Tiago José. As vicissitudes históricas e a resignificação da fé: aproximações teológicas da Covid-19. *Caminhos*, v. 19, p.141-155, 2021.

Submetido em 24/01/2023

Aprovado em 06/12/2023